

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

02. MEMORANDO APRESENTADO POR FRANCISCO LIBERMANN, A D. Cadolini Secretário da Sagrada Congregação da Propagação da Fé

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 02. MEMORANDO APRESENTADO POR FRANCISCO LIBERMANN, A D. Cadolini Secretário da Sagrada Congregação da Propagação da Fé. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/78>

This IV is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

2. MEMORANDO APRESENTADO POR FRANCISCO LIBERMANN

A D. Cadolini

Secretário

da Sagrada Congregação da Propagação da Fé²¹⁸

Enquanto Máximo de la Brunière e Francisco Libermann, em Roma desde o início de Janeiro, redigiam um Memorando sobre a Obra dos Negros, a fim de o submeterem à aprovação da Sagrada Congregação da Propagação da Fé, de la Brunière regressou a França, deixando Libermann, um simples acólito, sozinho face às autoridades romanas. Concluindo ele próprio o Memorando, apresentou-o em fins de Março. Os arquivos possuem duas versões deste Memorando; esta versão é a tradução do texto original guardado nos Arquivos da Propagação da Fé, em Roma; a outra, que estava na posse do próprio Venerável Padre, tem esta nota: "Isto é apenas um rascunho. No texto apresentado fizeram-se algumas modificações, mas sem importância, e quase só de estilo".

Roma, 27 de Março 1840²¹⁹

Ex.cia Rev.ma,

Tomo a liberdade de apresentar a Vossa Ex.cia Rev.ma este pequeno Memorando sobre as Missões estrangeiras pela confiança que tenho de que a vossa caridade e o vosso zelo pela salvação das almas farão que ele seja bem recebido, embora de modo nenhum eu o mereça.

Somos um grupo de franceses que nos juntámos à volta deste projeto que acreditamos provir realmente de Nosso Senhor. Precisamos de conselhos e apoio para cumprir a santa vontade de Deus sobre nós, e tenho muita esperança de encontrá-los em Vossa Ex.cia Rev.ma. Por isso pedimos-lhe, humildemente, Ex.cia Rev.ma, a caridade de não nos rejeitar e de nos acolher com bondade, por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Mãe santíssima. Posso garantir a Vossa Ex.cia Rev.ma que, por graça de Deus, estou disposto a fazer inteira-

²¹⁸ ND, II, pg. 68-76.

²¹⁹ A Propagação da Fé colheu informações em Paris sobre o P. Libermann através do internúncio apostólico. A correspondência então trocada a esse respeito está em ND, II, pg. 77 e sgs. .

.....
Congregação do Espírito Santo

mente o que Ele quiser e a obedecer a todos os conselhos e ordens que me chegarem da sua parte, como se viessem do próprio Deus.

Mas para que Vossa Ex.cia Rev.ma possa julgar e organizar as coisas segundo o espírito de Deus, peço-lhe que me permita dar-lhe a conhecer alguns pormenores para que nada fique escondido no meu coração e Vossa Ex.cia Rev.ma possa conhecer a fundo todas as circunstâncias relevantes.

Este projeto consta de três pontos:

Primeiro ponto: A nossa proposta

I – *Sobre o objetivo em geral.* – Pretendemos entregar-nos e dedicar-nos inteiramente a Nosso Senhor para a salvação dos negros, por serem eles as pessoas mais miseráveis e mais afastadas da salvação e as mais abandonadas na Igreja de Deus.

Há cerca de dois anos que nos sentimos enormemente preocupados pelos grandes males que afligem estas populações em muitas terras de que ouvimos falar e pela fraca ajuda que têm recebido para sair da ignorância e do vício em que se arrastam e a que se juntam muitos outros males que os acabrunham e quase os forçam à perdição eterna. Decidimos dedicar-nos à sua salvação, sem olharmos a sacrifícios, porque não ignoramos as dificuldades, humilhações e contrariedades de todo o género que teremos de enfrentar nesta santa obra.

II - *Sobre o objetivo concreto da escolha do lugar da Missão.* – Temos em vista dois lugares: o primeiro é São Domingos. As coisas tristes que nos contaram desta terra fizeram-nos ver que é uma das mais desoladas e mais abandonadas na Igreja. Penso que Vossa Ex.cia Rev.ma estará mais bem informado que nós sobre o lamentável estado desta pobre ilha e, por conseguinte, já não é preciso que eu diga o que sei sobre o assunto. O que tornará mais fácil a nossa entrada na ilha é que temos connosco um dos netos de um antigo Presidente da ilha. Este clérigo já começou a preparar-nos o caminho, informando-se junto do secretário do Presidente atual, que veio a Paris no ano passado. Este secretário acolheu muito favoravelmente a ideia, manifestou o desejo de ver chegar à sua terra um grupo de clérigos dispostos a trabalhar na salvação dos negros, por estar muito preocupado com a animosidade natural deles e por várias outras razões. Prometeu mesmo intervir em nosso favor junto do seu Presidente.

Antologia Espiritana

O segundo lugar é a Ilha de Bourbon. Os negros desta ilha são menos numerosos do que os de São Domingos, mas os seus males são muito maiores. Depois da abolição da escravatura, vão precisar mais ainda duma ajuda semelhante. Além disso, ali estaremos perto de Madagascar onde poderíamos talvez entrar, se o nosso Santo Padre o Papa julgar por bem enviar-nos lá. Que sorte a nossa podermos levar o Evangelho a esta terra! E, quem sabe, até dar lá alguns mártires à Igreja! Um pormenor favorável a esta Missão é o facto de nós termos connosco um clérigo proveniente duma boa família da ilha de Bourbon, muito zeloso e fervoroso, conhecedor perfeito dos hábitos e costumes destas terras.

Segundo ponto: Plano para ser bem sucedido.

O projeto de vida que propomos e do qual fazemos depender o êxito da nossa empresa é a vida de comunidade. Agrupamos esse plano em três artigos:

1º- Não ficar ligados de maneira fixa a uma paróquia ou a outro cargo parecido, mas trabalhar às ordens do bispo ou do prefeito apostólico, percorrendo a terra a que formos enviados, quer indo toda a comunidade junta e organizando missões semelhantes às que se organizam em França, quer indo dois a dois e fixando residência temporária em certos bairros para catequizar, apoiar, consolar, sustentar e aliviar essas pessoas pobres em suas necessidades, quer exercendo o ministério de outra maneira, de acordo com as circunstâncias, mas sempre evitando ficar isolados e regressando de tempos a tempos à comunidade, conforme as orientações do superior;

2º- Viver na obediência mais rigorosa a um superior escolhido entre nós e de acordo com a Regra de vida que nós determinarmos;

3º- Praticar a pobreza perfeita.

Desejamos mesmo fazer votos, embora não solenes, de cujos compromissos os membros possam ser dispensados pelo superior, para evitar todos os inconvenientes que daí poderiam surgir.

As razões que nos levam a desejar com tanto empenho a vida de comunidade são:

1º - O medo de nos perdermos sob pretexto de salvar os outros. Perigo iminente para o missionário isolado e senhor da sua vontade e das suas ações, ao passo que a vida de comunidade, a obediência fiel e a pobreza perfeita nos poriam a salvo de todos os perigos ;

2º- O bem da missão e a salvação das almas. Porque, em primeiro lugar, se nos apoiarmos mutuamente no fervor e na piedade, trabalharemos com maior zelo e fruto do que se caíssemos no relaxamento, o que infalivelmente aconteceria a muitos de nós se vivêssemos isolados. Em segundo lugar, se vivermos em comunidade, daremos uma grande ajuda aos sacerdotes isolados destas terras, apoiando-os na prática do bem e no zelo, e esse é, na verdade, um dos objetivos importantes do nosso projeto: tratar de ganhar a confiança dos sacerdotes por todos os meios ao nosso alcance e ajudá-los em tudo o que pudermos.

Além disso, se vivermos em comunidade, poderemos talvez chegar a formar um clero indígena nas terras a que fomos enviados, o que nos parece ser um bem imenso e a necessidade mais urgente para atacar os males destas terras.

Finalmente, vivendo em comunidade e sendo dirigidos por um mesmo superior, o bem que se fizer será incomparavelmente maior do que agindo isoladamente. Os empreendimentos terão horizontes mais largos, o plano será melhor concebido e acompanhado²²⁰; haverá mais empenho na sua execução, mais consenso e unidade na ação; tudo se fará com mais regularidade e ponderação. O superior examina cada projeto com a ajuda do seu conselho, prevê antecipadamente as dificuldades, prepara os meios que permitam ser-se bem sucedido e giza a estratégia para cada circunstância. Pode empreender mais coisas, porque dispõe de meios mais poderosos e pode também dispor do seu pessoal à vontade. Além disso, como cada um desempenha a tarefa para a qual está mais dotado, tudo será melhor executado; por outro lado, ocupando-se cada qual só daquela tarefa que lhe foi confiada, entrega-se a ela de alma e coração. Há todo um nunca mais acabar de vantagens em favor da vida de comunidade.

²²⁰ A cópia que possuímos nos arquivos tem: (tem-se) um plano, um caminho com sequência e bem concebido.

Antologia Espiritana

Nota²²¹: Embora peçamos a vida de comunidade, não desejaríamos que nos erigissem em Congregação; sentimo-nos demasiado impotentes, por enquanto, para nos atrevermos a sonhar com semelhante favor. Mesmo se o desejássemos, penso que a Santa Sé não no-lo concederia; por isso parece-me que não é necessário dar a Vossa Ex.cia Rev.ma as razões pelas quais não queremos semelhante favor.

3º Terceiro ponto: *Submissão e dependência da Santa Sé.*

O nosso desejo mais veemente seria ser enviados em missão pela Santa Sé e ficar sempre debaixo da sua jurisdição e dependência, de tal maneira que o superior que tivéssemos escolhido não pudesse entrar em funções senão depois da aprovação de Sua Eminência o Cardeal Prefeito da Propagação da Fé. Seria a Propagação da Fé a decidir de que missões nos encarregaríamos e em que terras iríamos trabalhar, de tal maneira que, ao deixarem de ser tão prementes as necessidades duma terra, nos pudesse transferir para outra mais carenciada. O superior gozaria, entretanto, de poder absoluto quanto ao governo da sua comunidade, obedecendo, contudo, absoluta e perfeitamente, a todas as ordens recebidas sobre a missão a empreender e a terra onde se deverá trabalhar. Será obrigado a fornecer a Sua Eminência, uma ou mais vezes por ano, informações pormenorizadas sobre os membros da comunidade, sobre os seus trabalhos, os resultados alcançados e sobre tudo o que está relacionado com a missão²²².

²²¹ O rascunho do Venerável Padre contém esta observação ao fundo da página, que parece ter sido acrescentada mais tarde: “Como explicação desta nota, quero dizer que toda a gente me disse muitas vezes e mo repetia com toda a convicção que nunca nos seria concedida a aprovação para formar uma Congregação. Por isso eu renunciei a essa ideia, para já, com receio de deitar tudo a perder. Por isso peço tão só o estabelecimento de uma comunidade; depois, se o nosso ministério se mostrar útil para o bem das almas, faremos o que Nosso Senhor nos inspirar”.

²²² No primeiro projeto, o Venerável Padre tinha assinalado que gostaria de depender da Santa Sé sem estar submetido aos prefeitos apostólicos. Anota assim o seu projeto: “Pelo grande desejo que tinha de pertencer à Santa Sé pelas razões assinaladas mais abaixo, queria estabelecer este terceiro ponto, tal como está redigido aqui; mas isso era completamente impossível, porque a Santa Sé envia às colónias que dependem diretamente da sua jurisdição vigários e prefeitos apostólicos aos quais dá plena jurisdição sobre essas terras, e por conseguinte, não pode forçá-los enviando-lhes, com base no seu pleno poder, missionários”. Esta redação está conforme ao original; parece que o Venerável Padre terá querido dizer: “não pode forçá-los a receber missionários”.

Congregação do Espírito Santo

As razões que nos levam a pedir este favor são as seguintes:

1ª Estamos convictos de que seremos mais fervorosos, mais zelosos e desprendidos dos bens da terra e de nós mesmos devido a esta dependência da Santa Sé, e por sabermos que Sua Santidade estaria a par de tudo o que nos diz respeito. Além disso, ao ser enviados pelo Santo Padre, receberemos em muito maior abundância o Espírito apostólico por nos vir assim diretamente da fonte e do grande tesouro em que Nosso Senhor depositou este divino Espírito para benefício de toda a sua Igreja;

2ª Estaríamos absolutamente garantidos de ir onde Deus nos pede e onde as necessidades são maiores, ao ser enviados pelo Soberano Pontífice, aquele a quem Nosso Senhor confiou a solicitude de todas as igrejas.

3ª Ao renunciar ao título de Congregação, pelo menos para já, é necessário que dependamos de um superior poderoso, que nos envie; ora, sendo necessário submeter-se a uma autoridade terrena, quão grande não é o nosso desejo de ficarmos sob a do próprio Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo! Aliás, a quem poderíamos nós pedir que nos enviasse? Só se recor-rêssemos a alguma das congregações de França; mas isso seria um nunca acabar de dificuldades. Não podemos unir-nos aos Padres de Picpus ou das Missões Estrangeiras; isso iria afastar-nos do nosso objetivo que são os negros, além de outros inconvenientes a que vou referir-me imediatamente.

Se nos juntássemos à Comunidade do Espírito Santo, ficaríamos limita-dos às colónias francesas, sabendo nós que há terras como São Domingos, Madagascar e outras, que estão mais necessitadas e abandonadas.

Além disso, qualquer que fosse a Congregação a que nos uníssemos, nunca conseguiríamos uma vida de comunidade regular, uma vida de obe-diência e pobreza perfeitas; nenhuma destas congregações exorta os seus membros a viverem em comunidade; todos vivem dispersos e isolados. A Comunidade do Espírito Santo tem ainda uma caraterística particular, a de enviar os seus sacerdotes para paróquias, e em tal caso não é possível praticar a pobreza.

Ficaria apenas uma possibilidade, a de nos ligarmos a uma comunidade já aprovada, mas com a salvaguarda de vivermos de acordo com as nossas Regras; mesmo assim, subsistiria ainda uma grande dificuldade, pois sendo

Antologia Espiritana

essa dita comunidade muito útil à Igreja e estando nós na situação de não valermos nada, não teríamos liberdade de ação; seria preciso uma discricção total da nossa parte, e é claro que não poderíamos levar esta vida santa que nos propomos levar. Além disso, mesmo que nos aceitassem sob essa condição, a dificuldade seria praticamente a mesma. Cada Congregação tem o seu espírito, resultante das próprias maneiras de ver, espírito e maneiras de ver muito bons em si mesmos, é certo, mas que não se harmonizariam com o que se exige dum projeto tão diferente nem com o espírito que nos deve animar na vida que queremos levar. Daí resultaria forçosamente que essas comunidades iriam levar a nossa a seguir na direção errada e, sem quase se darem conta, tenderiam a modificar o nosso espírito para o substituir pelo delas, o que necessariamente levaria os nossos missionários ao desânimo, à diminuição do fervor e do zelo, e até mesmo ao desleixo total; isso levaria ainda à desconfiança para com os superiores, à desunião e até à discórdia, e com isso todos os frutos da missão dariam em nada e todos os nossos empreendimentos ficariam bloqueados.

Aqui está, Sr. Bispo, o projeto que submeto a Vossa Ex.cia Rev.ma para que o aprecie de acordo com as luzes que Deus achar por bem comunicar-lhe. Mas tenho ainda duas dificuldades para lhe apresentar e que vou abordar nas duas observações seguintes.

- *A primeira, sobre o recrutamento de novos membros para o nosso grupo.* Somos apenas oito, quatro dos quais com idades compreendidas entre os 27 e os 35 anos e três na disposição de receberem o sacerdócio quando for preciso. Este número não chega para um empreendimento como o que nos propomos. Mas estou convencido, Sr. Bispo, de que a este número virão juntar-se vários sacerdotes, se Vossa Ex.cia Rev.ma gostar do nosso projeto e nos conceder o seu favor. Pensei abrir um noviciado em França, em que nos possamos preparar, durante um tempo razoável, para esta santa e grande empresa. Um clérigo da diocese de Lyon, muito influente e muito respeitado nessa diocese, já nos fez algumas propostas muito vantajosas, na condição de eu ficar lá como responsável do noviciado. Se ao deixar Roma, eu levar comigo uma recomendação de Vossa Ex.cia Rev.ma, estou convencido de que muitos mais virão logo juntar-se a mim e em breve poderemos abrir esse noviciado e lançar mãos à obra a partir do próximo ano.

- *A segunda visa a minha pessoa.*- Passei dez anos no Seminário de São

Congregação do Espírito Santo

Sulpício. Fiz quatro anos de teologia. Não fui admitido às Ordens, devido a uma doença nervosa, que consta da lista dos impedimentos canônicos. Esta doença nunca foi muito grave; de há oito anos para cá, tem-se atenuado sensivelmente, de tal maneira que me permite levar por diante os trabalhos que Deus me tem confiado. Há mais de dois anos que não tenho tido ataques. Estes ataques acontecem ocasionalmente. Posso evitá-los tomando as devidas precauções; e aqueles que tive, há já muito tempo, foi por não as ter tomado. Quando decidi vir a Roma, estava resolvido a ficar como estou, pensando que o sacerdócio não me era necessário para a obra que ia empreender; mas agora vejo que é mesmo necessário, ou pelo menos muito útil que eu avance; consultei o meu Diretor de Paris para saber se é verdadeiramente da vontade de Deus que eu seja sacerdote. A resposta dele foi afirmativa e quer que eu deseje o sacerdócio e que faça todos os esforços para consegui-lo em Roma. Deixo isso agora nas mãos de Vossa Ex.cia Rev.ma. Pedi as cartas demissórias à diocese de Paris, mas fui informado que os Vigários Capitulares não podem concedê-las. Não vejo outra solução senão dirigir-me a Sua Eminência o Cardeal Prefeito; pedirei, depois, aos Vigários gerais de Paris a permissão de ir para a Missão, se isso for preciso, certo de obter tal favor sem dificuldade.

Humildemente peço a Vossa Ex.cia Rev.ma que desculpe o meu atrevimento, a simplicidade e a confiança com que ouse falar-lhe. Deus sabe que não me move qualquer motivo mundano; Deus sabe que não o fiz senão para lhe agradar e pela confiança que tenho na caridade e no zelo de Vossa Ex.cia Rev.ma. Posso garantir-lhe na presença de Nosso Senhor que estou disposto do fundo do coração a obedecer em tudo às ordens que vier a receber e que sou e serei sempre, Sr. Bispo, com o mais profundo respeito e a Maior docilidade, o humilde e obediente servo de Vossa Ex.cia Rev.ma.

F. Libermann, acólito